

População dos índios dobrará até ano 2000

BRASÍLIA — No ano 2000, a população indígena brasileira terá duplicado. De acordo com projeção feita pela Funai, no início do século eles serão 400 mil indivíduos. Informa o relatório da Divisão de Saúde do órgão tutor que no momento há 150 mil índios e eles estão crescendo a uma média de 2,9 por cento ao ano, acima do crescimento vegetativo da população e do próprio crescimento da força econômica no País. O crescimento, segundo os médicos da Divisão de Saúde, "decorre do acentuado índice da natalidade e real decréscimo do índice de mortalidade, coerente com os cuidados crescentes de assistência médico-sanitária e projetos agrícolas de subsistência".

Embora a estatística da Funai, registre a existência de cerca de 150 mil índios no território brasileiro, esse dado é contestado pelo Conselho Indigenista Missionário (Cimi), que, no último levantamento feito, afirma que há 185 mil índios no Brasil. A estatística da Funai foi elaborada nas delegacias regionais do órgão e o Cimi fez o levantamento a partir das áreas culturais indígenas.

Entre 1979 a 1981, informa a Funai, a população indígena brasileira passou de 101.487 índios para 149.696. A região de maior crescimento foi o Amazonas, onde havia, em 1979, 18.347 índios e agora conta com 29.632. No Parque Indígena do Xingu, a população, nesses três anos, passou de 1.946 índios para 1.987.

Considerando a população indígena como "sobrevivente", pois em 482 anos foram "reduzidos" de cinco milhões para 185.485, o Conselho Indigenista Missionário informa que na área cultural 1 (Norte Amazônica) há cerca de 485 índios, na área 2 (Solimões-Juruá-Purus), 32.095; área 3 (Guaporé), 6.111; área 4 (Tapajós-Madeira), 9.564; Alto Xingu, que corresponde à quinta área cultural: 2.533; área 6 (Tocantins-Xingu), 8.989; área 9 (Paraguai-Paraná) 19.974; e área 10 (Tietê-Uruguaí) 15.256.

A maioria desses grupos, informa ainda o Cimi não tem suas terras regularizadas. A Funai rebate afirmando que, "além da saúde, a prioridade maior é a demarcação e regularização das terras indígenas". Diz ainda a Funai que sua principal preocupação "não é responder as críticas dos que afirmam que há muita terra para pouco índio, mas sim comprovar que eles formam uma população em crescimento, para os quais é necessário garantir terra, pois caso contrário, não haverá espaço suficiente para os índios no ano 2000".

SAÚDE

Para dar continuidade à meta de atendimento imunológico das comunidades indígenas, a Funai elaborou, para este ano, um programa de saúde que prevê a vacinação em massa de todos os grupos. O setor mais importante no programa sanitário é o de atendimento de saúde, onde, afirma o programa elaborado pela Divisão de Saúde, "espera-se resolver 80 por cento dos casos". O mesmo programa prevê ainda novas funções para médicos, enfermeiros e odontólogos. Eles passarão a ser "coordenadores e supervisores das ações de saúde que serão executadas pelos atendentes e órgão convenientes, exercendo naturalmente, ações de saúde quando necessário, sobretudo nas áreas de medicina preventiva, sem que essas, entretanto, sejam exclusivas".

O pessoal a executar o programa de saúde deverá ser assim distribuído: atendente de enfermagem nos postos indígenas e aldeias de grande concentração demográfica e distantes da sede do posto indígena; monitor de saúde nas aldeias próximas a locais em que exista atendente; uma auxiliar de enfermagem, três atendentes e dois auxiliares de serviço para cada casa do índio. Todo esse pessoal, principalmente os monitores de saúde e atendentes, terão "reciclagem periódica, pois eles são responsáveis por 80 por cento dos casos".

Além disso, a Funai pretende ainda incentivar "convênios regionais com órgãos de governo ou órgãos particulares, a fim de que a medicina curativa seja executada próxima ao habitat do índio, evitando deste modo as infecções cruzadas, o contágio das aldeias e os problemas políticos decorrentes da presença dos índios nos grandes centros".

Os hospitais atualmente em funcionamento serão reativados: Santa Isabel do Morro, instalado na Ilha do Bananal; e o Hospital do Merure, em Barra do Garça.

EXTINÇÃO

Apesar de todo este "otimismo" demonstrado pela Divisão de Saúde, que espera duplicar a população indígena do País com atendimento médico e incentivo aos programas agrícolas, antropólogos da Assessoria Geral de Estudos e Pesquisas (Agesp) da Funai afirmam que "as estatísticas do órgão não correspondem à realidade, pois o aumento populacional não significa exatamente crescimento da população indígena, mas sim a descoberta de novos grupos na Amazônia ou a identificação de remanescentes indígenas no Nordeste".

Esses antropólogos informam que algumas nações indígenas brasileiras desaparecerão dentro de pouco tempo, como é o caso do Kararáo, de Porto de Moz (AM). Na década de 60, afirmam os antropólogos, "eles eram 600 indivíduos saudáveis e hoje são 23, dos quais a maioria mulheres, para um único homem adulto que não é da tribo, mas Gorotire".

Há ainda o exemplo do Assurini, do Pará, que em 11 anos foram reduzidos a 50 por cento. Na época do contato, informam os antropólogos, "os Assurini formavam um grupo de 100 pessoas e hoje são 53". Os Kajabi, do rio do Peixe, também foram reduzidos à metade: de 80 índios em 1975, hoje eles são 40.

Os exemplos mostrados pelos antropólogos apontam ainda os grupos Krena-Karore, que hoje vivem no Xingu, e os Waimiri-Atroari. Os Krena-Karore, contactados em 1973 pelos irmãos Cláudio e Orlando Villas-Boas, eram 300 índios na época do contato e dois anos depois, em janeiro de 1975, ao desembarcarem em Diauarum, no Parque Indígena do Xingu, eles eram 49 mulheres e 30 homens. Por sua vez, os Waimiri-Atroari que em 1975 chegavam a formar uma confederação indígena com três mil pessoas, em 1979, informa o sertanista Giuseppe Graveiro, eles não passavam de 600 pessoas.

"Essas reduções — afirmam os antropólogos da Agesp — não são explicadas pela Funai porque na maioria das vezes elas decorrem de massacres planejados por particulares ou pela total falta de medicina preventiva, principalmente entre os grupos em fase de contato, despreparados para uma epidemia."